

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 6, Número 2, Jul.-Dez. 2017

## O INTERNETÊS COMO UMA AMEAÇA À LÍNGUA PORTUGUESA: ANALISANDO POSICIONAMENTOS DISCURSIVOS EM AMBIENTES VIRTUAIS

## THE INTERNET LANGUAGE AS A THREAT TO THE PORTUGUESE LANGUAGE: ANALYZING DISCOURSE POSITIONING IN A VIRTUAL LEARNING SYSTEM

FERREIRA, Carlos Eduardo da Silva<sup>1</sup>

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 06/05/2016 • APROVADO EM 15/12/2017

---

### Abstract

---

The website of the Revista Educação Pública (Rio de Janeiro – Brasil), enables the exchange of knowledge among educators, through workshops, forums for discussion, dissemination and production of educational, scientific or literary texts. Here we discuss the link between language and nation, discursively analyzing an opinion space of social media on the internet: a site in which the initial question is internet writing a threat to the Portuguese language? Thus, we developed a critique supported by the reflections of Linguistics, especially in the field of Variational Sociolinguistics and the dialectical view of language (Bakhtinian Discourse Analysis). In this way, we reflect on the notion of linguistic purism by verifying how the responses-opinions of participants in the virtual discussion

situation conceive questions of the linguistic use by the subjects. How are the arguments about subjects' attitudes to linguistic variations constructed? Is preserving a language to preserve a national culture? What is considered cultured norm? Are we talking wrong? Did we write wrong?

2

---

## Resumo

---

O site da *Revista Educação Pública*, do Rio de Janeiro, possibilita o intercâmbio de conhecimento entre educadores por meio de oficinas, fóruns de discussão, divulgação e produção de textos educativos, científicos ou literários. Tomamos aqui a discussão sobre a ligação entre *língua e nação*, analisando discursivamente um espaço opinativo da mídia social da internet: um site em que a pergunta inicial **O internetês é uma ameaça à língua portuguesa?** Assim, desenvolvemos uma crítica apoiada pelas reflexões da Linguística, principalmente no campo da Sociolinguística variacional e da visão dialética da linguagem (Análise do Discurso bakhtiniana). Desta maneira, colocamo-nos a refletir sobre a noção do purismo linguístico verificando como as respostas-opiniões dos participantes da situação de discussão virtual concebem questões do uso linguístico pelos sujeitos. Como se constroem as argumentações sobre atitudes dos sujeitos em relação às variações linguísticas? Preservar língua é preservar uma cultura nacional? O que se considera norma culta? Falamos errado? Escrevemos errado?

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Linguistic purism; Internet writing; ideologies.

**PALAVRAS-CHAVE:** Purismo linguístico; internetês; ideologias.

---

## Texto integral

---

### APRESENTAÇÃO

A área de Extensão da Fundação Cecierj – FUNDAÇÃO CENTRO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – oferece atividades voltadas para educadores e sua prática no magistério, contribuindo para a formação de educadores do Estado do Rio de Janeiro. O site da *Revista Educação Pública*, do Rio de Janeiro, possibilita o intercâmbio de conhecimento entre educadores, por meio de oficinas, fóruns de discussão, divulgação e produção de textos educativos, científicos ou literários. Uma das funções centrais da revista é contribuir para que o profissional de educação se reconheça e se valorize como produtor de conhecimento. O objetivo é fomentar a constituição de uma rede de educadores que interajam e cooperem uns com os outros.

A interação com outros educadores é fomentada na seção **Discutindo**. Ali o educador experimenta um processo de trabalho cooperativo de pedir e responder a sugestões, trocando ideias e opiniões sobre temas – quase sempre polêmicos – ligados à educação. Este espaço também é frequentado por alunos, como podemos verificar nas postagens destes debates.



Este site confere um espaço de sugestão de temas e lançamento de opiniões a respeito destes. Toma-se, aqui, algumas postagens da seção *O internetês é uma ameaça à língua portuguesa?*.

Com este nosso trabalho, pretendo analisar posicionamentos dos sujeitos que ali postaram e refletir sobre a noção do purismo linguístico. Como as respostas-opiniões concebem as questões do uso linguístico pelos sujeitos numa ideologia de construção coletiva, nacional? Como são as atitudes dos sujeitos em relação às variações linguísticas? Preservar língua é preservar uma cultura nacional? O que se considera norma culta? Falamos errado? Escrevemos errado? Enfim, analisemos como estão materializados estes discursos neste espaço discursivo.

O internetês, entendido aqui, está ligado a escritos no ambiente informal na internet.

É interessante ressaltar que na produção da pergunta podemos desvelar linhas interpretativas que circulam na sociedade a partir da semântica produzida pelo verbo ameaçar. A questão polariza (entre um sim e um não) e nos traz à cena inferências sobre o que se pode ameaçar à língua portuguesa. E mais: o que ou quem seria a *língua portuguesa*?

### **Purismo linguístico: nacionalismo e ideologia**

A compreensão da ideia de purismo está assentada numa visão de que algum item tomado tem uma origem central e este tende a ser não mutável. Pensando neste item como língua, olhar esta expressividade da linguagem com tomadas puristas significa empreender um sistema de valorações intersubjetivas que orienta o sentimento da relação entre “eu” e “outro do dizer”. A língua em seu sentido puro possui falantes puros, originais, agentes legitimados do dizer. Não compreender as línguas na dinâmica de suas variações é se posicionar numa óptica de base purista. O purismo linguístico, assim, por estar ligado a visões sociais da expressividade, atravessa ideologicamente os sujeitos em suas interações. Originalidade gênica e fixismo não transformacional são assentamentos da visão purista.

O pensamento purista instalado nos dizeres de sujeitos remonta um quadro afirmativo da ideia do “eu” social. O purismo se interliga a compreensões de processos de identidade/identificação sociais.

Para este trabalho, tomemos, assim, excertos de posicionamentos dos sujeitos retirados de uma plataforma digital (ambiente virtual) de um fórum de discussões cuja temática era o *internetês*:



Faço um artigo científico sobre o assunto. Peço artigos sobre o assunto. Obrigado.  
Minha opinião: futuramente, a linguagem escrita será só a informática (linguagem fragmentada). Qual será o futuro de nossa língua pátria usada na escrita?

Maria Helena, 19/08/2012

Estando num ambiente virtual, a constituição do sujeito opinante é forma refratada (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1988) de valores de embates em outros ambientes, o atual, por exemplo. Pontuemos que para grupos de pesquisadores de mídias sociais, o virtual existe como potência e não é, portanto, um conceito oposto ao real (deste temos o “irreal” como oposto), mas é oposto ao conceito atual. Sendo assim, um texto oral que se configurou na história dos gêneros como tipicamente presencial/atual, por meio do desenvolvimento de ferramentas tecnológicas acaba deslizando/se ressignificando em sua conjuntura a partir do momento em que temos conversas gravadas, vídeos, por exemplo. O funcionamento dos gêneros orais se situam no fruto crítico da instância analítica do tempo físico do dizer de sujeitos.

A opinião de Maria Helena anuncia um presságio: a linguagem escrita daqui em diante escrita será fragmentada, como se dá nos meios da informática; e mais, teremos só este uso. Essa atitude linguística se mostra bastante messiânica ou sobrenatural, no sentido da previsibilidade do que ocorrerá no futuro. Será que o posicionamento deste sujeito a favor da natureza transformacional e variacional das línguas é feito? Chamemos a atenção para o fato de se mesclar o conceito de língua e linguagem: já em Saussure há uma dicotomia entre estes termos. Historicamente e atualmente vemos que a convivência das línguas, fenômeno cultural, se dá na diversidade, seja em variações diatópicas, diafásicas ou diastráticas nos espaços temporais.

Em “Qual será o futuro de nossa língua pátria usada na escrita” é possível notar a opinião que língua e nação estão intimamente ligadas, no sentido que se há uma desvalorização na forma escrita (e notemos que a língua escrita marca na materialidade aquilo que na fala pode-se perder), se a escrita é considerada fragmentada, e nesse sentido, como quebrada, corrompida, a pátria também será. Evocar o patriotismo para o uso linguístico, neste caso, é tentar evocar uma coletividade que decidirá uma aceitação do uso ou não.

O internetês não é uma ameaça a Língua Portuguesa desde que o professor desenvolva uma prática pedagógica focada em gêneros textuais. Tal prática conduz o aluno ao entendimento de que cada gênero possui um formato específico de acordo com sua função e meio de circulação, e que o internetês é uma linguagem

para ser usada nas redes sociais e não fora deste contexto. Sou professora de turmas de 9º ano. Meus alunos são adolescentes de 13 a 14 anos e navegam na web por um longo período do dia. Porém, não usam o internetês em situações fora de contexto. Tenho um blog: [www.portuguesemdestaque.blogspot.com](http://www.portuguesemdestaque.blogspot.com), acessem e confirmem que, nos comentários postados por eles, não há uso dessa linguagem, assim como não fazem uso dela em textos escolares.

Clarice Fernandes, 08/06/2012

Como tudo na vida tem o lado bom e o lado ruim, com a linguagem das redes sociais também ocorre o mesmo. Mas, sabia que pude dar uma excelente aula sobre fonologia usando as abreviaturas do internetês? Com um pouco de jogo de cintura, nós, professores poderemos reverter isso a nosso favor. Quero me apropriar desse espaço para que todos vocês observem um outro dado muito importante: nunca antes vi, como agora, os adolescentes se interessando por poetas do mundo inteiro. O Facebook vive cheio de poemas clássicos, frases de escritores e filósofos célebres, tais como Chaplin, Neruda, Drummond, Freud, Cora Coralina, Mandela, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Pessoa, Paulo Freire e tantos outros. Há que se admitir que um adolescente que começa a conhecer a literatura mundial pelo que há de melhor, certamente desenvolverá um gosto eterno pela leitura, pelo prazer de ler, e conseqüentemente não sairá "deseducado" desse mundo virtual.

Com bom senso, considerando os limites saudáveis que devemos impor aos nossos filhos/alunos, a língua sempre ganha quando seus agentes a usa e a modifica. Assim diz a história.

Professora Silvia de Deus, 14/05/2012

O medo de que o internetês, a escrita da internet, avance sobre os “jovens futuros da nação” é bastante evidente nestes comentários. Nas duas exposições o posicionamento se baseia na “racionalidade” do uso do internetês, como se dissessem: não é errado, é um uso à parte, desvalorizado, porque a norma escrita é o centro da medida. Interessante notar que estas postagens pertencem a sujeitos que se posicionam como professores de Língua Portuguesa e tendem a explicitar como se dá o uso desta escrita nos textos de seus alunos e a práticas deles frente às mídias. A professora Clarice ao se posicionar sobre uso do internetês na sala de

aula acaba vinculando esta prática ao cenário que vincula Língua Portuguesa como uma disciplina que se estuda na escola, ambiente de formação formal, vista muitas vezes pelos discursos dos alunos como um ambiente artificial para as práticas de vivência dos sujeitos, além de, também, Clarice colocar nas mãos dos professores toda uma carga de responsabilidade de uma estabilização linguística: cabe à escola e aos professores esta missão de preservação.



Embora possa ter se posicionado, primeiramente, num discurso protecionista, a opinião de Clarice perpassa sobre o uso desta variedade gráfica (ortográfica). Quando enuncia que a prática pedagógica que faz com que o aluno tenha o “entendimento de que cada gênero possui um formato específico de acordo com sua função e meio de circulação” remete-nos a um discurso dialógico da linguagem, em torno dos estudos bakhtinianos sobre gêneros discursivos. A noção de contextualização textual, com bastante ênfase nos estudos da Linguística Textual, também é evidenciada no discurso de Clarice – ela mesma diz ter um espaço interacional na mídia da internet.

Num discurso de aproveitamento dos usos de uma variedade não padrão, Silva de Deus explora em seus comentários abordagens relevantes linguisticamente no trabalho com o internetês. Além disso, chama-nos a atenção da expansão do conhecimento, dos textos que são promovidos pelo *Facebook*, espaço midiático da internet, de autores clássicos de reflexões humanas.

Em relação à afirmação do uso contextualizado do internetês também se verifica nos seguintes comentários:

Hum... É divertido a linguagem incorreta. rsrs, mas pra tudo tem a hora certa. ADORO escrever abreviado, mas isso está me atrapalhando na escola, às vezes me esqueço como se escreve tal palavra... De tanto sair abreviando tudo por ai...

angélica, 03/05/2012

O posicionamento de Angélica mostra que o valor dado à escrita do internetês (chamada por ela e também por outros como “linguagem”) é visto como erro, desqualificando-a, porém muito usada pela comentarista e por muitos outros do meio da internet. O que ela nos mostra é que é divertido ser diferente. Se a escrita da internet é a tal “diferente” e “engraçada” é porque os seus usuários se sentem mais apropriados dela que outra. Usar a ortografia dita padrão do português ou variações desta (quem é a base de quem?) não significa que uma demonstre mais logicidade ou estruturação e funcionamento melhor que a outra, mas sim reflete os valores sociais atribuídos por uma tradição prestigiada, sendo esta atribuição entremeada pelo uso linguístico na sociedade.” Assim diz a história”, como expõe Silvia de Deus:

naum, mas temos que saber a hora certa de ser usada. Como, por exemplo: para transmitir mensagens, conversar no facebook, orkut, msn... é normal... mas quando mandar um currículo de emprego, cartas para autoridades, não é correto usar o internetês.....

amanda silva teixeira, 20/04/2012

Verifica-se aqui uma dicotomia linguística entre CERTO e ERRADO, configurando um panorama esquizofrênico, já que o ERRADO é usado e o CERTO também. A Sociolinguística refletirá esta questão nas polaridades de ADEQUADO e INADEQUADO, pondo em questão o uso linguístico no meio social. Chamemos a atenção que este comentário começa com a forma não ortográfica da Língua escrita do português, além de associar a “normalidade” a ações próximas, recorrentes, de proximidade, enquanto o “correto” é algo fora, normativo, não pertencente à esfera comum do sujeito, ligado a situações sociais de distanciamento entre sujeitos

O internetês pode não ser uma grande ameaça, mas não deixa de ser. O "Vossa Mercê (você)", por exemplo corre o risco de ser alterado novamente por algo do tipo "voc" ou "vc", o acento do "não" pode ser retirado, além de outras reformas que ainda podem ser feitas por conta do internetês. Na minha opinião, nenhuma mudança drástica vai acontecer na língua portuguesa por conta do internetês.

Rayssa, 13/04/2012

Além de outra *Cassandra*, como diria Marcos Bagno (2002), este comentário se posiciona num quadro purista, conservador em relação à forma linguística, exemplificado na transformação do léxico <você>, que não se transformou apenas na forma, mas também no uso discursivo.

Tudo é regido por regras, foram feitas para ser seguidas e respeitadas, criando um padrão de comportamento, tanto na escrita como nas nossas atitudes diárias. As crianças que estão iniciando o aprendizado, ao deparar-se com tantas abrevituras, podem criar dúvidas de como se escreve corretamente. Seguindo as regras de ortografia correta e as normas padrão, as dúvidas deixarão de existir.

João Comarelle, 09/04/2012

O comentário de João Comarelle põe em analogia o comportamento da escrita com o comportamento dos sujeitos no mundo. Qual é o espaço do sujeito falante de uma língua perante o mundo? Ele é apenas um mero “reprodutor” de algo que está pronto, construído, sésil, ou há uma movimentação, uma ressignificação, um *vir a ser* do homem pela língua?

Até então temos, no que podemos dizer, um discurso que ora tende a um tendencionismo de “às vezes é bom, às vezes não” ou “contextualizado tudo pode”. Analisemos, a seguir, duas opiniões divergentes entre si, conceitualmente:

Sabemos que as mudanças foram gradativas desde o nascimento do latim até o português atual. Além disso, entendemos que essas abreviações fazem, cada vez mais, parte do cotidiano dos jovens de nossa sociedade. A língua portuguesa torna-se, hoje, fator de inserção no mundo atual estimulando o sujeito a ser ativo perante a cultura e a história. É justamente por conta disso que devemos considerar as reduções presentes na língua, visto que há permanência da unidade linguística com caracteres similares nas abreviações. Logo, muitos dos mecanismos de redução, nesse meio de comunicação, podem ser explicados pelas gramáticas. Como já dissemos, as reduções passaram a fazer parte do cotidiano dos jovens, marcando não só a escrita nessas redes sociais, mas, também, textos produzidos em sala de aula. Diante dessa situação, cabe ao professor de Língua Portuguesa saber lidar com essa nova prática, levando o aluno a aprimorar sua capacidade linguística, sem descaracterizar a escrita desses jovens.

Henny Cordeiro, 02/09/2012

Mesmo não explicitando um “não” – literalmente – como resposta à questão inicial, este texto se pauta numa reflexão linguística transformacional, que adota a variação como fator natural das línguas e que, além desta historicidade, o uso linguístico é um resultado de fatores socioculturais. O comentário destaca a redução como um processo de formação de palavras, além de mostrar que gramáticas podem refletir linguisticamente sobre estes usos – talvez a normativa seja conservadora o suficiente para não expor este tipo de análise.

Em relação à prática de ensino de língua, a postagem de Henny Cordeiro se posiciona no sentido de analisar as práticas da escrita, colocando os sujeitos em sua gênese de criação. Não vemos neste discurso a fala de um gramático, no intuito

de postular normas da escrita, mas sim um discurso fora do purismo linguístico, que explora o vínculo dos sujeitos com o uso da escrita num caráter construtivista e dialético.



Sou professor de português em STP e registro um índice elevado de jovens que estão desaprendendo pelo simples fato que é a "necessidade de comunicação por via mais rápida e econômica". Nós, os professores, temos que ensinar as regras de bem falar e escrever, mesmo com esse problema.

Josilmar, 05/06/2012

Prejudica sim, pois muitos alunos acabam levando essa escrita para a sala de aula sem ao menos perceber que poderá prejudicar ainda mais quando forem fazer um concurso, por exemplo. Isso pode acabar virando uma rotina em suas vidas, o que não seria legal.

Zenil Vieira, 14/05/2012

Isso prejudica sim, pois os alunos acabam levando essa linguagem para a escola. O que acaba dificultando seu aprendizado.

Zenil, 13/05/2012

O discurso posto por Josilmar, por exemplo, se baseia no posicionamento do gramático perante o ensino de línguas: a necessidade do professor de Língua ser o “jesuíta”, o encarregado socialmente – como missão sacra – de firmar uma norma que é dita PADRÃO, marcando um elitismo e disparidade da compreensão fenomênica e uso linguísticos.

O uso do internetês nestes comentários é visto como “problema” escolar tendo, assim, que ser combatido. O que é falar bem? O que é escrever bem? A escola é um lugar social de formação ou não se leva ali o sujeito e seu olhar perante o mundo?

Este discurso afirma o papel instrumental e não dinamizado das aulas de Língua, em que o aluno não se enxerga como participante e construtor linguístico de assuntos ligados à linguagem e à aquisição de línguas constituindo, portanto, um discurso conservador e não dialético.

Outra questão que podemos levantar é sobre o ensino de língua ligado à noção de consumo do mercado de trabalho, como no comentário “quando forem

[os alunos] fazer um concurso”. Este posicionamento reflete uma tradicionalidade normativa das provas, porém é contraditório quando se defronta com a questão do sujeito criativo, inovador.

### Para (não) concluir:

Com uma pergunta que toca uma opinião sobre o *ethos* do que se pode dizer, expressar-se, vamos percebendo os jogos discursivos que se estabelecem neste espaço, analisando como *poder social* e a *língua*, expoente da materialização ideológica dos sujeitos, se inter-relacionam para posicionamentos puristas ou não a respeito do uso linguístico.

O processo de escrita tem sido fortemente compreendido no interior de formações docentes como um espaço tradicional da estabilidade e não dentro de um jogo onde formas e conteúdos se mesclam no jogo da contínua formação, ou seja, o discurso purista interpela os espaços de interação expressiva delimitando um cenário sociolinguístico e sociodiscursivo hierárquico das relações sociais via uso da língua nas mais variadas situações enunciativas. A compreensão sobre os modos de dizer, assim, contribui para construções das intersubjetividades dos sujeitos e, também, para construções das compreensões de valores sociais de sujeitos dentro das instituições – a escolar, por exemplo – promovendo, assim, legitimações e políticas de silenciamentos sob as vidas dos sujeitos.

A análise dos comentários nos coloca a refletir sobre os rumos interpretativos que as expressividades textuais tomam a partir de movimentos psicossociais dos sujeitos. Investigar estes fluxos dos acontecimentos discursivos – diálogo, alteridade, resposta, posicionamento discursivo... – traz à tona a sensibilização de jogos de construção enunciativa podendo, nesta linha investigativa, chamarmos atenção aos constituintes da atividade da linguagem no ser humano, este atravessado pelo social e pelo histórico.

## Notas

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. Orientado pela Professora Doutora Marina Célia Mendonça. Bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação da faculdade citada. Doutorando também no Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática (Pecim), na Unicamp. Graduando em Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática pela Univesp. Contato: karloseduardoo@yahoo.com.br.

---

### Referências

---

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico** – o que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

FARACO, Carlos A. (Org.) **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 2. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985  
Espaço "Discutindo". Tema: "**O internetês é uma ameaça à língua portuguesa?**":  
<[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/discutindo/discutindo.php?cod\\_per=42](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/discutindo/discutindo.php?cod_per=42)>. Acesso em 28 de novembro de 2012.

---

### Para citar este artigo

---

FERREIRA, Carlos Eduardo da Silva. O internetês como uma ameaça à língua portuguesa: Analisando posicionamentos discursivos em ambientes virtuais. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 1-11, jul.-dez. 2017.

---

### O autor

---

**Carlos Eduardo da Silva Ferreira** tem graduação em Letras, Bacharelado e Licenciatura plena em Língua Portuguesa e Espanhol (2012). Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP